



UNIDADE DIDÁTICA

PROPOSTA DE ENSINO SOBRE CONTOS E CAUSOS E ASPECTOS DA INTERTEXTUALIDADE

Géssica Cristiane Diana
Orientadora: Prof^a Dra. Aparecida Feola Sella

Cascavel, 2023

GÉSSICA CRISTIANE DIANA

**PROPOSTA DE ENSINO SOBRE CONTOS E CAUSOS E ASPECTOS DA
INTERTEXTUALIDADE**

Material elaborado como parte integrante da dissertação Proposta de ensino sobre contos e causos e aspectos da intertextualidade, defendida no ano de 2023, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), constituindo proposta de produção de material didático para o ensino fundamental – anos finais, em conformidade com as diretrizes estabelecidas pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras) - rede nacional.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos

Orientadora: Prof.^a Dra. Aparecida Feola Sella

CASCADEL

2023

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	4
UNIDADE DIDÁTICA: A ABORDAGEM DA INTERTEXTUALIDADE VOLTADA PARA O 7º ANO	6
1º MOMENTO: O GÊNERO CONTO	7
2º MOMENTO: O CAUSO.....	17
3º MOMENTO: CONTOS E CAUSOS DO OURO VERDE.....	23
4º MOMENTO: VAMOS EXPLORAR A INTERTEXTUALIDADE	27

APRESENTAÇÃO

Caro(a) professor(a),

Apresentamos uma proposta de ensino destinada ao Ensino Fundamental para uma turma de sétimo ano, a qual trata sobre os gêneros conto e causa e a abordagem da intertextualidade. Esta Unidade Didática foi elaborada como resultado da Dissertação de Mestrado intitulada “Proposta de ensino sobre contos e causos e aspectos da intertextualidade”, realizada no Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

Primeiramente, reitera-se que a decisão de trazer para a unidade didática o estudo do conto e do caso deve-se, além, é claro, da importância de proporcionar ao estudante o contato com textos literários e autores distintos, linguagem e temática variadas, ao fato de demonstrar que é expressivo valorizar também as produções locais, vislumbrar nelas processos intertextuais implícitos, que aludem a outras histórias contadas por outrem, em diferentes contextos e épocas.

Em decorrência disso, propõe-se iniciar a aplicação em sala de aula com o gênero conto, em primeiro lugar, com um conto popular, de autoria desconhecida, e duas obras de diferentes autores, linguagens e estilos: Stanislaw Ponte Preta, com sua escrita única, capaz de causar na imaginação do leitor várias possibilidades, deixá-lo mais intrigado a cada parágrafo e trazer desfechos totalmente inusitados; e João Anzanello Carrascoza, em que é tratado um tema presente na realidade de muitas crianças, o primeiro dia de aula. Por meio desses contos, intenciona-se expor ao aluno os elementos presentes nesse gênero textual.

Na sequência, apresenta-se o caso, gênero ligado, principalmente, à modalidade oral, com maior incidência de linguagem informal. Os autores selecionados foram Antônio Henrique Weitzel, cuja narração apresenta elementos relacionados ao sobrenatural, de caráter humorístico; e um caso de assombração e figuras folclóricas, que preserva a modalidade oral típica do interior, contada pela Equipe Xico da Kafua. Observa-se que, nas atividades propostas para os dois gêneros, foram incluídos exercícios que podem instigar o aluno a realizar a associação de tais textos com outros textos, com temáticas que se relacionam, o que deve ser

considerado uma tentativa inicial para tratar explicitamente sobre o fenômeno da intertextualidade.

A partir do terceiro momento, propõe-se a análise das duas produções escritas pelas ex-alunas Borsati e Cucchi (2004), e que se optou por definir como “exemplos embrionários dos gêneros conto e causo”, pois as produções em questão apresentam características presentes nos dois gêneros, embora não se possa afirmar, taxativamente, que haja total equivalência entre eles. Por isso, com relação a estes últimos, é preciso considerar que se trata de produção escolar, e é nesse sentido que o rigor da classificação, ou em conto ou em gênero, pode não ser a questão mais importante. E é por isso mesmo que entendemos tratar-se de produções escolares, também.

Convém lembrar que essas produções são resultado de um projeto da escola, o que culminou com a elaboração de um livro, produzido informalmente, e que, pelo perfil geral dos textos, e devido à temática, o título *Contos e causos do Ouro Verde* orienta a considerar a estrutura da narrativa como a definidora do título de gênero sugerido no título.

Os dois textos sob análise contemplam dois instantes para a produção escrita. Primeiramente, há um resgate sobre a história da Comunidade Ouro Verde, em que a escola localiza-se, e, nos textos, observa-se que as autoras Borsati e Cucchi (2004) relatam costumes, crenças e fatos relacionados à história da comunidade.

Em seguida, no quarto momento, expõe-se o conceito de intertextualidade, no qual são descritos exemplos para o aluno e atividades que relacionem as produções em foco, haja vista que traços das histórias, se comparadas, denotam elementos intertextuais e interdiscursivos que permitem estabelecer uma relação entre textos, motivo de sua seleção. Além disso, sugerem-se exercícios referentes às formas de intertextualidade plausíveis de aplicabilidade no 7º ano, conforme explicitado acima.

Caso o professor prefira, pode atribuir à turma parte das atividades como tarefas a serem realizadas em casa, pois, assim, haverá mais carga horária para aulas a serem utilizadas para a aplicação da unidade. Apenas, sugere-se que seja realizada a correção das respectivas atividades em sala. Na sequência, apresenta-se o planejamento das aulas, os objetivos e a organização detalhada desta proposta de ensino.

UNIDADE DIDÁTICA

Orientações ao Professor:

Caro professor, os conceitos que aqui serão trabalhados estão relacionados com os gêneros conto e causo e as possibilidades intertextuais a serem exploradas em um 7º ano. Gostaríamos de enfatizar que a unidade está dividida em quatro momentos e organizada como se fosse um diálogo com o aluno, por isso, o uso do pronome “você” e correlatos está direcionado para o estudante.

Professor, então, considere, em resumo, e brevemente, os seguintes conceitos:

1. Texto: Pode ser considerado uma unidade de sentido contextual (interno), mas pode ser considerado um processo interacional repleto de sentidos, ora construídos pelo autor do texto, ora construídos pelo possível leitor (KOCH, 2003).

2. Conto: Gênero textual que, em geral, é escrito no passado e possui a seguinte estrutura: situação inicial, conflito, clímax e desfecho (MOISÉS, 2006).

3. Causo: Gênero textual de caráter popular que costuma preservar a linguagem informal e tratar de histórias, mantendo viva a cultura local (PONTES, 2006). É comum, ao contar um causo, utilizar algumas estratégias para prender a atenção do ouvinte, tais como: entonação, gestos, alternância no tom de voz e vocabulário regional (OLIVEIRA, 2006; PONTES, 2006; BATISTA, 2007).

4. Intertextualidade: É possível perceber, às vezes explicitamente, às vezes implicitamente, que, em determinado texto, há menção a outros textos, pertencentes ao mesmo gênero ou a gêneros distintos (KOCH, 2003).

Além disso, nesta unidade didática, serão exploradas as seguintes categorias da intertextualidade:

4.1 Alusão: intertexto que preserva elementos ou expressões do texto original (CAVALCANTE; FARIA; CARVALHO, 2017).

4.2 Paráfrase: Reescrita de um texto ou fragmento com a finalidade de facilitar a compreensão do leitor (CAVALCANTE; FARIA; CARVALHO, 2017).

4.3 *Détournement*: intertexto produzido a partir de provérbios e ditos populares e que preserva a sonoridade dos fonemas (GRÉSILLON; MAINGUENEAU, 1984).

4.4 Paródia: Produção de um texto com base em outro, geralmente com tom humorístico ou crítico (CAVALCANTE; FARIA; CARVALHO, 2012).

5. Produções locais: Trata-se de produções escritas de alunos, organizadas em forma de livro pela Escola Estadual do Campo Dom Pedro I, no ano de 2004.

A seguir, está a unidade em uma versão para utilizar em sala de aula. Optamos por agregar sugestões de respostas e orientações ao professor em negrito, com fonte menor e na cor azul, com a finalidade de auxiliá-lo.

Título: A abordagem da intertextualidade voltada para o 7º ano

Ano/série: 7º ano - Ensino Fundamental

Número de aulas previstas: 12 aulas de cinquenta minutos

Práticas de linguagem¹: Análise Linguística (intertextualidade), Leitura (conto e causo), Oralidade (contação de causos).

Objetos de conhecimento: Apreender o sentido geral dos textos, Escuta, Estratégias de leitura, Relação entre textos.

Conteúdos: Contos e suas características; Causos e suas características; Contação de causos; Intertextualidade.

Objetivos da Unidade:

- Explorar contos e causos de fácil circulação na internet;
- Analisar o papel da intertextualidade em duas produções que compõem o livro *Contos e Causos do Ouro Verde*, relacionando-os com outros textos;
- Comparar os elementos intertextuais e interdiscursivos que permeiam os textos analisados, por meio de itens lexicais;
- Aplicar o conceito de intertextualidade em sala de aula, buscando contemplar as produções escritas por alunos.

1º MOMENTO: O GÊNERO CONTO (3 aulas)

Professor, procure conversar com a turma. Questione e instigue os alunos a interagirem.

Para começo de conversa

Estudante, neste momento, você vai trabalhar com o gênero conto, seus elementos composicionais e suas características.

Vamos conversar sobre o conto?

¹ Os termos Práticas de linguagem, Objetos de conhecimento e os Conteúdos seguem a nomenclatura adotada pela BNCC (2018).

1. O que vocês entendem por “conto”?
2. Quando falamos em “contos populares”, o que isso significa?
3. Recordam-se de narrativas que sejam exemplos disso?

Questões 1 a 3: Respostas pessoais.

Atividade para ser realizada oralmente. Sugere-se instigar os alunos a participarem da discussão, expondo seus conhecimentos prévios sobre o assunto, procure exemplificar para que o estudante estabeleça relações de sentido entre as expressões: contos e populares, associando com histórias conhecidas, por exemplo: “A menina dos brincos de ouro”, “O menino e o padre”, “A menina enterrada viva” e “A sopa de pedra”.

A seguir, apresentamos um conhecido conto popular, “A cumbuca de ouro e os marimbondos”, de autoria desconhecida. Seu professor irá comentar sobre isso.

Professor, explique à turma que, nesses contos, por se tratar de narrativas que são contadas e recontadas, é comum haver controvérsia quanto à sua autoria, assim como versões atribuídas a mais autores, ou, ainda, com a informação que corresponde a criação desconhecida. Comente que, neste primeiro momento, trabalharemos com três contos distintos, para que o aluno observe as diferenças (temas) e as semelhanças (quanto à estrutura) entre eles.

Cite outros exemplos de contos populares, como “O menino e o padre”, “A raposa e o homem” e “Sopa de pedras”.

Agora que seu professor já esclareceu as dúvidas sobre contos populares, vamos à leitura:

Lembramos que o diálogo estabelecido nesta unidade tem o aluno como interlocutor.

A CUMBUCA DE OURO E OS MARIMBONDOS

Havia dois homens, um rico e outro pobre, que gostavam de pregar peças um ao outro. Foi o compadre pobre à casa do rico pedir um pedaço de terra para fazer uma roça. O rico, para fazer peça ao outro, lhe deu a pior terra que tinha. Logo que o pobre teve o sim, foi para a casa dizer à mulher, e foram ambos ver o terreno.

Chegando lá nas matas, o marido viu uma **cumbuca** de ouro, e, como era em terras do compadre rico, o pobre não a quis levar para a casa, e foi dizer ao outro que em suas matas havia aquela riqueza. O rico ficou logo todo agitado, e não quis que o compadre trabalhasse mais nas suas terras. Quando o pobre se retirou, o outro largou-se com a sua mulher para as matas a ver a grande riqueza.

Chegando lá, o que achou foi uma grande casa de **marimbondos**; meteu-a numa mochila e tomou o caminho do mocambo do pobre, e logo que o avistou foi gritando: “Ó compadre, fecha as portas, e deixa somente uma banda da janela aberta!”

O compadre assim fez, e o rico, chegando perto da janela, atirou a casa de marimbondos dentro da casa do amigo, e gritou: “Fecha a janela, compadre!” Mas os marimbondos bateram no chão, transformaram-se em moedas de ouro, e o pobre chamou a mulher e os filhos para as ajuntar.

O ricaço gritava então: “Ó compadre, abra a porta!” Ao que o outro respondia: “Deixe-me, que os marimbondos estão-me matando!” E assim ficou o pobre rico, e o rico ridículo.

Glossário:

Cumbuca: um tipo de vaso ou tigela com uma abertura utilizado para carregar alimentos ou líquidos.

Marimbondo: um tipo de vespa.

Autoria desconhecida

Fonte: Conto Popular (2007)

Professor, explique para os alunos que existem elementos que contribuem para a definição do gênero conto, os quais serão descritos a seguir.

OS ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DO GÊNERO

Os contos são narrativas consideradas curtas, costumam ser escritos no passado, apresentam poucas personagens e, geralmente, apenas um conflito². Dentre os elementos do conto, temos: personagem, tempo, espaço, narrador e enredo, descritos na sequência:

1. **Personagem:** Seres envolvidos na narrativa, que praticam ou sofrem a ação.
2. **Tempo:** Período em que aconteceu ou duração.
3. **Espaço:** Local em que a história ocorreu.
4. **Narrador:** Aquele que conta a história, mas nem sempre participa dela.
5. **Enredo:** A sequência de acontecimentos.

Também é importante explicar que, quanto à estrutura, o conto costuma apresentar a seguinte estrutura:

6. **Situação inicial:** Apresentação da história, personagens, tempo e espaço.
7. **Conflito:** O problema que irá nortear todo o texto.
8. **Clímax:** Momento que causa tensão na narrativa.
9. **Desfecho:** Corresponde ao final da história, em que se costuma apresentar a solução do conflito.

Professor, realize, junto com a classe, a identificação dos elementos e da estrutura do conto “A cumbuca de ouro e os marimbondos”, segundo consta no quadro a seguir:

Tais atividades podem ser feitas no quadro junto com a turma.

1. Vamos identificar, no conto “A cumbuca de ouro e os marimbondos”, os elementos constitutivos do gênero conto. **Sugestões:**

a. **Personagens:** O pobre, a esposa e os filhos, e o ricoço.

² Os itens descritos como elementos do conto são baseados nos estudos realizados acerca desse gênero pelo professor e pesquisador Massaud Moisés (2006), em sua obra *A criação literária*.

- b. Tempo: **Passado, não está explícito o tempo exato.**
- c. Espaço: **Na casa de ambos e na mata.**
- d. Narrador: **Narrador observador – foco narrativo em 3ª pessoa.**
- e. Enredo: **Havia dois compadres, um rico e outro pobre. Após o pobre pedir um pedaço de terra para trabalhar, começam os problemas, pois, lá, encontrou uma cumbuca de ouro, mas, como a terra pertencia ao amigo, decidiu voltar e contar a ele sobre a cumbuca. Então, o rico o expulsou e partiu para a mata em busca da tal cumbuca.**

Para sua frustração, lá, encontrou apenas uma casa de marimbondos. Enfurecido, resolveu vingar-se do compadre e atirou-a dentro da casa do pobre. Porém, ao caírem no chão, os marimbondos se transformaram em moedas de ouro. Com isso, o pobre ficou rico, enquanto o rico fez papel de idiota.

2. Agora, vamos identificar no conto lido: **Sugestões:**

- a. Situação inicial: **Dois compadres que gostavam de pregar peças um no outro.**
- b. Conflito: **Quando o pobre vê a suposta cumbuca de ouro e volta para contar a novidade.**
- c. Clímax: **Quando o rico joga a casa de marimbondos dentro da casa do pobre.**
- d. Desfecho: **O sujeito pobre ficou rico, devido à casa de marimbondos e à ganância do amigo.**

Você acabou de ler um conto popular. A seguir, você fará a leitura e discussão, sob as orientações de seu professor, de outros contos. Primeiro, temos o “Conto de mistério”, de Stanislaw Ponte Preta.

Professor, se preferir, antes de apresentar o conto escrito à turma, faça uma leitura e peça que fechem os olhos e imaginem a cena. Leia de maneira dramatizada, a fim de causar expectativa no aluno, aguçando a curiosidade; levante questionamentos e, somente depois, revele o desfecho.

Texto 1

CONTO DE MISTÉRIO

Com a gola do paletó levantada e a aba do chapéu abaixada, caminhando pelos cantos escuros, era quase impossível qualquer pessoa que cruzasse com ele ver seu rosto. No local combinado, parou e fez o sinal que tinham já estipulado à maneira de senha. Parou debaixo do poste, acendeu o cigarro e soltou a fumaça em três baforadas compassadas. Imediatamente um sujeito mal-encarado, que se encontrava no café em frente, ajeitou a gravata e cuspiu de banda.

Era aquele. Atravessou cautelosamente a rua, entrou no café e pediu um guaraná. O outro sorriu e se aproximou: “Siga-me!” – foi a ordem dada com voz **cavernosa**. Deu apenas um gole no guaraná e saiu. O outro entrou num **beco** úmido e mal iluminado e ele – a uma distância de uns dez a doze passos – entrou também.

Ali parecia não haver ninguém. O silêncio era **sepulcral**. Mas o homem que ia na frente olhou em volta, certificou-se de que não havia ninguém de tocaia e bateu numa janela. Logo uma dobradiça gemeu e a porta abriu-se discretamente.

Entraram os dois e deram numa sala pequena e enfumaçada onde, no centro, via-se uma mesa cheia de pequenos pacotes. Por trás dela um sujeito de barba crescida, roupas humildes e ar de pobre trabalhador parecia ter medo do que ia fazer. Não hesitou – porém – quando o homem que entrara na frente apontou para o que entrara em seguida e disse: “É este”.

O que estava por trás da mesa pegou um dos pacotes e entregou ao que falara. Este passou o pacote para o outro e perguntou se trouxera o dinheiro. [...]

Saiu então sozinho, caminhando **rente** as paredes do beco. Quando alcançou uma rua mais clara, assoviou para um taxi que passava e mandou tocar a toda pressa para determinado endereço. O motorista obedeceu e, meia hora depois, entrava em casa a berrar para a mulher:

-- Julieta! Ó Julieta... consegui.

A mulher veio lá de dentro enxugando as mãos em um avental, a sorrir de felicidade. O marido colocou o pacote sobre a mesa, num ar **triunfal**. Ela abriu o pacote e verificou que o marido conseguira mesmo, depois de tanto esforço e economia, comprar aquilo que eles não viam há tanto tempo naquele barraco. Ali estava: um quilo de feijão.

Glossário:

Cavernosa: de som rouco

Beco: rua sem saída e estreita

Sepulcral: sinistro, assustador

Rente: próximo

Triunfal: vitorioso, comemorativo.

Fonte: PONTE PRETA, Stanislaw. Conto de mistério. *In: Dois amigos e um chato*. 25. ed. São Paulo: Moderna, 1986. p. 65-66.

Professor, sugerimos a realização de alguns questionamentos sobre o conto: o que está para acontecer? Será um crime? Uma briga? Algo grave? Terrível? Perigoso? Recomendamos que o professor deixe os alunos exporem suas expectativas. Em seguida, propomos algumas atividades para compreensão do texto.

Compreendendo o texto

1. Quem são os personagens dessa história? **O homem, o sujeito mal-encarado, Julieta (a esposa) e o sujeito de barba.**

2. Após ler o primeiro parágrafo, o que você pensou que iria acontecer? **Resposta pessoal. Espera-se que o aluno exponha suas expectativas, seria um crime, um assalto, possivelmente algo ilegal.**

3. Sobre a expressão: “*Siga-me! – foi a ordem dada com voz cavernosa. Deu apenas um gole no guaraná e saiu. O outro entrou num beco úmido e mal iluminado e ele*”. O que você achou que fosse acontecer? **Resposta pessoal. O estudante pode pensar que iriam tratar de um assunto particular, algo suspeito ou ilícito.**

4. O conto que você leu apresenta elementos de mistério. Cite alguns fatos ou expressões que demonstram isso. **Os locais onde acontecem os fatos, a escuridão, o vocabulário utilizado (sepulcral, cavernoso, beco), a preocupação de não ser descoberto.**

5. Quanto ao pacote. O que você achou que havia nele? **Resposta pessoal.**

6. Levante hipóteses: por que tanta cautela e discrição para a compra do conteúdo do pacote? **Provavelmente por se tratar de algo escasso, de alto valor.**

7. Afinal, qual é o desfecho dessa história? O que você achou dele? **Respostas pessoais.**

8. O conto realiza uma crítica. Qual seria essa crítica? **A crítica refere-se à alta dos preços dos alimentos, tornando um quilo de feijão, prato típico da família brasileira, um artigo de luxo, privilégio de poucos, uma raridade.**

Sugerimos comentar com a turma sobre o autor Stanislaw Ponte Preta, comentar o contexto de produção desse conto, elaborado durante o período ditatorial, no ano de 1964. Lembramos, também, que uma das características deste autor é o uso do sarcasmo para fazer uma crítica social.

Quanto às atividades, fica a critério do professor ler as questões e comentá-las ou deixar que o aluno faça primeiro. Faça a correção das atividades e o compartilhamento das respostas na turma.

O texto que você acabou de ler corresponde a um conto de Stanislaw Ponte Preta (1986), presente na obra intitulada *Dois amigos e um chato*. Uma das características desse autor é aliar o mistério e o humor à ironia, enquanto apresenta uma crítica social.

A seguir, você fará a leitura de outro conto que tem como personagem principal um menino chamado Lilico. Provavelmente, irá se identificar com o personagem.

Professor, oriente os alunos a fazerem uma leitura silenciosa e, na sequência, faça a leitura para a turma, questione e incentive-os a expor seu ponto de vista sobre o conto. Converse com eles sobre o enredo e as reflexões apresentadas.

Texto 2

UMA LIÇÃO INESPERADA

No último dia de férias, Lilico nem dormiu direito. Não via a hora de voltar à escola e rever os amigos. Acordou feliz da vida, tomou o café da manhã às pressas, pegou sua mochila e foi ao encontro deles. Abraçou-os à entrada da escola, mostrou

o relógio que ganhara de Natal, contou sobre sua viagem ao litoral. Depois ouviu as histórias dos amigos e divertiu-se com eles, o coração latejando de alegria.

Aos poucos, foi matando a saudade das descobertas que fazia ali, das meninas ruidosas, do azul e branco dos uniformes, daquele **burburinho** à beira do portão. Sentia-se como um peixe de volta ao mar. Mas, quando o sino anunciou o início das aulas, Lilico descobriu que caíra numa classe onde não havia nenhum de seus amigos.

Encontrou lá só gente estranha, que o observava dos pés à cabeça, em silêncio. Viu-se perdido e o sorriso que iluminava seu rosto se apagou. Antes de começar, a professora pediu que cada aluno se apresentasse. Aborrecido, Lilico estudava seus novos companheiros. Tinha um japonês de cabelos espetados com jeito de nerd. Uma garota de olhos azuis, vinda do Sul, pareceu-lhe fria e arrogante. Um menino alto, que quase bateu no teto quando se ergueu, dava toda a pinta de ser um bobo. E a menina que morava no sítio? A coitada comia palavras, olhava-os assustada, igual a um bicho-do-mato. O mulato, filho de pescador, falava arrastado, estalando a língua, com sotaque de malandro. E havia uns garotos com tatuagens, umas meninas usando óculos de lentes grossas, todos esquisitos aos olhos de Lilico. A professora? Tão diferente das que ele conhecera... Logo que soou o sinal para o recreio, Lilico saiu a mil por hora, à procura de seus antigos colegas.

Surpreendeu-se ao vê-los em roda, animados, junto aos estudantes que haviam conhecido horas antes. De volta à sala de aula, a professora passou uma tarefa em grupo. Lilico caiu com o japonês, a menina gaúcha, o mulato e o grandalhão. Começaram a conversar cheios de **cautela**, mas **paulatinamente** foram se soltando, a ponto de, ao fim do exercício, parecer que se conheciam há anos. Lilico descobriu que o japonês não era nerd, não: era ótimo em Matemática, mas tinha dificuldade em Português. A gaúcha, que lhe parecera tão metida, era gentil e o **mirava ternamente** com seus lindos olhos azuis. O mulato era um **caiçara** responsável, ajudava o pai desde criança e prometeu ensinar a todos os segredos de uma boa pescaria. O grandalhão não tinha nada de bobo. Raciocinava rapidamente e, com aquele tamanho, seria legal jogar basquete no time dele.

Lilico descobriu mais. Inclusive que o haviam achado mal-humorado quando ele se apresentara, mas já não pensavam assim. Então, mirou a menina do sítio e pensou no quanto seria bom conhecê-la. Devia saber tudo de passarinhos. Sim, justamente porque eram diferentes havia encanto nas pessoas. Se ele descobrira aquilo no primeiro dia de aula, quantas descobertas não haveriam de fazer no ano inteiro? E, como um lápis deslizando numa folha de papel, um sorriso se desenhava novamente no rosto de Lilico.

Glossário:

Burburinho: barulho

Cautela: com cuidado

Paulatinamente: aos poucos

Mirava: olhava

Ternamente: carinhosamente

Caiçara: descendente de indígena, negro ou português. Pescador.

Fonte: CARRASCOZA, João Anzanello. **Ler, entender, criar** – Língua Portuguesa – 6ª série. São Paulo: Ática, 2003. p. 179-180.

A seguir, estão atividades para compreensão textual que devem ser comentadas e corrigidas. Se preferir, pode atribuí-las como tarefa de casa.

Compreendendo o texto:

1. O conto “Uma lição inesperada” tem como protagonista um menino chamado Lilico. Com base na leitura realizada, como podemos caracterizá-lo quanto à sua personalidade? **Sugestões: curioso, ansioso, tímido, inseguro.**

2. Nesse conto, qual seria o conflito apresentado? **O menino estar cheio de expectativas para retornar à escola e rever os amigos.**

3. Como podemos descrever, brevemente, o enredo dessa narrativa? **Refere-se a um menino chamado Lilico, que estava ansioso para o retorno das aulas em um novo ano letivo e que fica chateado ao perceber que sua turma já não era a mesma. Inicialmente, o garoto fica decepcionado, mas, ao longo da narrativa, faz novos amigos e percebe que não devemos julgar os outros sem conhecê-los.**

4. O conto fala sobre as expectativas do menino sobre a volta às aulas, descrevendo alguns sentimentos e atitudes do garoto no último dia de férias. Você já vivenciou sentimentos como os de Lilico? Como costumam ser seus últimos dias de férias? Identificou-se com algumas das atitudes do garoto? **Resposta pessoal.**

5. Quanto ao primeiro dia de aula, você recorda de ter passado por situações semelhantes às do menino? Comente. **Resposta pessoal.**

6. Sobre os novos colegas, como foi a primeira impressão que Lilico teve? **Considerou os novos colegas estranhos, com cara de nerd, arrogante, bobo, malandro, esquisitos.**

7. Após a atividade em grupo, proposta pela professora, o menino mudou de ideia sobre eles. O que ocasionou essa mudança? **O fato de ter conversado, interagido com os novos colegas e desfeito a má impressão inicial.**

8. A situação vivida pelo garoto trouxe-lhe uma descoberta. Qual seria essa descoberta? **Aprendeu que não devemos julgar as outras pessoas; é preciso conhecê-las.**

9. Em sua opinião, é comum as pessoas julgarem as outras sem realmente conhecê-las? O que você pensa sobre isso? **Resposta pessoal.**

Espera-se que o aluno perceba que julgar as pessoas pela aparência é algo que costuma acontecer com frequência, embora as coisas não devessem ser assim. Professor, caso ache apropriado, amplie essa discussão, instigando a turma a expressar seus pontos de vista sobre o assunto.

Estudante, você já deve ter ouvido falar em *paródia*. A seguir, apresentamos uma explicação sobre ela e, também, propomos a atividade 10.

Professor, na atividade 10, o aluno deve continuar a paródia.

A **paródia** é a criação de um novo texto com base em outro. Por exemplo, a partir de uma letra de música, é possível elaborar outra letra, que pode apresentar traços de ironia ou fazer uma crítica a determinado assunto. A paródia também pode ser criada a partir de outros gêneros, como poemas, tirinhas ou contos.

10. Vamos concluir a paródia elaborada a partir do conto “Uma lição inesperada”? Leia com atenção o trecho, dê continuidade a esta paródia e escolha um título adequado. **Lembre-se de que o aluno deve criar um novo título.**

Título:

O primeiro dia de retorno às aulas, principalmente depois do Natal e Ano Novo, gera uma certa ansiedade nos alunos. Lilico sempre foi extrovertido, mas, porém, ao perceber que alguns amiguinhos não estavam mais na escola e havia novos alunos, ficou muito chateado. Um dia, uma das alunas novas trouxe uma tartaruga para a escola e pediu para a professora se podia deixar sua amiguinha tartaruga ao seu lado da carteira.

A professora pensou e pensou e disse:

- Qual seria o motivo?

A menina disse:

- Ela me dá muita sorte e eu sou nova aqui. Sinto saudade da minha outra escola e dos meus amiguinhos de sempre.

A professora, então, disse:

(continue a história). **Professor, você pode organizar duplas para a realização desta atividade e cada dupla pode ler a conclusão da paródia para a turma.**

Considera-se pertinente esclarecer que se propôs um exercício sobre a paródia, neste momento da sequência, para possibilitar ao estudante relacionar a presença de um texto em outro. O termo *paródia* terá maiores explicações no *Quarto Momento* desta unidade. Entretanto, a paródia é um conteúdo abordado pelas séries iniciais do fundamental, assim, provavelmente, o aluno já tem algum conhecimento prévio sobre o assunto.

Caro estudante, observe atentamente a ilustração produzida por Daisy Sartori (2010), disponível na internet, e responda à atividade 11, relacionando quais são as semelhanças entre elas e o conto “Uma lição inesperada”.



Por Daisy Sartori (2010)

Fonte: Nova Escola (2010)

11. Que elementos presentes na ilustração nos lembram o conto do personagem Lilico? Aponte-os. **Espera-se que o aluno perceba que a ilustração retrata a situação vivida pelo personagem Lilico, descrevendo o que passava nos pensamentos dele antes de conviver com os novos colegas, julgando sem realmente conhecê-los.**

** Estudante, como você pôde perceber, há uma relação entre o conto e a imagem, na qual existem elementos em comum, já que ela retrata a situação vivida por Lilico, apresentando, inclusive, alguns pensamentos expressados no conto, sobre os anseios do menino antes de conhecer os novos colegas. A essa relação entre os textos, dá-se o nome de **INTERTEXTUALIDADE**, a qual iremos aprofundar durante a unidade.*

Professor, sugerimos que você esclareça à turma sobre as relações entre os dois textos, mencionando que se trata de um processo de intertextualidade, para que o aluno vá construindo e observando a relação presente entre um texto e outro.

Prezado estudante, concluímos o *Primeiro momento* desta unidade. A seguir, apresentamos o *Segundo momento*, que aborda alguns casos para análise. Neles, também estão implícitas relações de *intertextualidade*.

2º MOMENTO: O CAUSO (3 aulas)

Atividades para serem respondidas oralmente.

Questões de 1 a 6: respostas pessoais.

Para começo de conversa

Nesta etapa, você poderá saber mais sobre o gênero causo, seus elementos composicionais e suas características. Há vários gêneros nascidos da tradição oral, responsáveis por transmitir a cultura, as crenças e as histórias de um povo.

Vamos conversar sobre o causo?

1. O que vocês entendem por um causo?
2. Quem costuma contar causos?
3. Você acha que há pessoas que ainda contam causos?
4. Sobre quais assuntos eles tratam?
5. Qual seria a finalidade desse gênero?
6. Na sua família ou na família de seus amigos, há quem conte causos?
7. Você poderia transcrever algum desses causos?

Sugere-se que o professor questione, comente, auxilie o estudante a recordar narrativas que exemplifiquem os causos. Essas atividades podem ser feitas oralmente. Professor, oriente o aluno a observar, durante a leitura, a linguagem utilizada neste causo e a utilizada no próximo, a fim de demonstrar que, em um causo, pode aparecer uma linguagem mais formal, informal ou regional.

A seguir, você fará a leitura de um texto pertencente ao gênero causo, escrito por Antônio Henrique Weitzel e, na sequência, lerá o quadro *Elementos do causo*, o qual apresenta uma definição do gênero.

Texto 1

O DEFUNTO VIVO

Em alguns **arraiais** do interior mineiro, quando morria alguém, costumavam buscar o caixão na cidade vizinha, de caminhão. Certa feita, vinha pela estrada um caminhão com sua **lúgubre** encomenda, quando alguém fez sinal, pedindo carona. O motorista parou.

- Se você não se incomodar de ir na carroceria, junto ao caixão, pode subir.

O homem disse que não tinha importância, que estava com pressa. Agradeceu e subiu. E a viagem prosseguiu.

Nisto começa a chover. O homem, não tendo onde se esconder da chuva, vendo o caixão vazio, achou melhor deitar-se dentro dele, fechando a tampa, para melhor abrigar-se. Com o balanço da viagem, logo pegou no sono.

Mais na frente, outra pessoa pediu carona. O motorista falou:

-Se você não se importa de viajar com o outro que está lá em cima, pode subir.

O segundo homem subiu no caminhão. Embora achasse desagradável viajar com um defunto num caixão, era melhor que ir a pé para o povoado.

De tempos em tempos, novos caronas subiam na carroceria, sentavam-se respeitosos em silêncio, em volta do caixão, enquanto seguiam viagem.

Avizinhando-se o arraial, ao passar num buraco da estrada, um tremendo solavanco sacode o caixão e desperta o dorminhoco que se escondera da chuva dentro dele.

Levantando devagarinho a tampa do caixão e pondo a palma da mão para fora, fala em voz alta:

-Será que já passou a chuva?

Foi um corre-corre dos diabos. Não ficou um em cima do caminhão. Dizem que tem gente correndo até hoje.

Glossário:

Arraiais: locais com pequena povoação, lugarejo.

Lúgubre: relacionado aos funerais e à morte.

Fonte: WEITZEL, Antônio Henrique. **Folclore literário e linguístico**. Juiz de Fora: EDUFJF, 1995.

OS ELEMENTOS DO CAUSO

Os causos são narrativas típicas da oralidade, contadas, em geral, de maneira informal, preservando o modo de falar da região ou comunidade.

As pessoas que costumam contar essas histórias são chamadas de **contadores de causos**. Para deixar a narrativa mais atrativa, o contador usa estratégias, como gestos, entonação, sotaque e vocabulário regional, dependendo do tipo de causo (suspense, humor ou sobrenatural³).

Professor, esclareça a explicação apresentada, comente com a turma que, embora a modalidade oral costume predominar nos causos, ela não é a única possibilidade. Peça para os alunos observarem a linguagem e o vocabulário empregado no causo “O defunto vivo”, explique à turma que o próximo causo a ser lido apresenta uma linguagem informal, regional e repleta de variações linguísticas. A seguir, realize as atividades de compreensão textual e corrija com a turma. Caso prefira, encaminhe tais atividades como tarefa.

Fonte: Oliveira (2006), Pontes (2006) e Batista (2007)

³ Os itens descritos como características do gênero causo são baseados nos estudos de Oliveira (2006), Pontes (2006) e Batista (2007).

Compreendendo o texto

1. Em que espaço a narrativa ocorre? **No interior mineiro.**
2. O que ocasiona o humor no texto? **O suposto defunto abrir o caixão durante o trajeto.**
3. Esse texto faz você recordar outras histórias? Quais? **Resposta pessoal.**
4. Quanto à linguagem utilizada, é possível identificar expressões regionais que costumam fazer parte da linguagem falada. Identifique algumas. **Expressões como: certa feita, um corre-corre dos diabos, mais na frente, dizem que tem gente.**
5. Descreva quais são as características semelhantes às histórias que você recordou. **Resposta pessoal. Relacione notícias de pessoas enterradas vivas, memes, anedotas e expressões populares. No quadro a seguir, apresentamos um exemplo.**

E a intertextualidade, como fica neste momento?

Sugestão: comente com a turma sobre um costume do século XIX, em que algumas pessoas eram enterradas com cordões interligados a sinos, pois essa era a forma de comprovar a morte; caso o indivíduo não estivesse morto, ao acordar, dentro do caixão, mexeria na corda, tocando o sino e teria a possibilidade de ser resgatado. Inclusive, a expressão “salvo pelo gongo” teria surgido devido a tal costume. Isso aconteceu porque, ao desenterrar ossadas, perceberam que muitos ataúdes estavam arranhados, ou seja, os sujeitos foram enterrados com vida. Mostre ao aluno que é possível observar elementos intertextuais entre o caso, a expressão “salvo pelo gongo” e os defuntos vivos.

Professor, esclarecemos que os elementos intertextuais presentes parecem corresponder às categorias de intertextualidade temática e implícita (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012), já que depende de o leitor reconhecer outros intertextos. Salientamos que, caso o aluno não consiga estabelecer tal relação, cabe a você suscitar a intertextualidade.

Link: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/historia-metodos-bizarros-para->

Para saber mais...

Seção para auxiliar o professor sobre a retomada de alguns conteúdos.

Linguagem formal: apresenta um vocabulário em que predomina a norma padrão.

Linguagem informal: apresenta um vocabulário em que predomina a linguagem coloquial, com gírias e expressões utilizadas na oralidade e no dia a dia dos sujeitos.

Varição linguística: representa os diversos modos de falar a mesma língua, dependendo da região, dos grupos sociais, da época ou do contexto comunicativo.

Fonte: Coelho *et al.* (2012)

Estudante, como você já viu anteriormente, o causo apresenta elementos estruturais, como *situação inicial*, *conflito*, *clímax* e *desfecho*, assim como no gênero conto. Na atividade a seguir, você deve identificá-los no causo “O defunto vivo”.

Professor, escreva ou projete a atividade a seguir, discuta com a turma a estrutura do causo e faça a resolução com a turma.

1. Vamos identificar, nos textos lidos, os seguintes elementos:

- a. Situação inicial: **Sugestões: vinha pela estrada um caminhão com sua lúgubre encomenda.**
- b. Conflito: **Quando o motorista dá carona para o sujeito que, para escapar da chuva, deita-se no caixão.**
- c. Clímax: **Quando o defunto-vivo abre o caixão, coloca a mão para fora e fala com os outros passageiros.**
- d. Desfecho: **Quando todos saltaram do caminhão em pânico.**

O texto que você acabou de ler utiliza uma linguagem simples, com predomínio da linguagem escrita, enquanto o texto a seguir preserva as características da linguagem oral e informal, típica dos contadores de causos, e as marcas da variação linguística regional.

Sobre variedade linguística, lembramos que a mesma língua apresenta variações, dependendo da região, época, contexto e do grupo de falantes envolvidos na situação comunicativa (COELHO *et al.*, 2012). Por exemplo, no Paraná, é comum usar o termo “mandioca”, enquanto, no Nordeste, prevalece “macaxeira”; já em alguns estados do Sudeste, é recorrente o termo “aipim”. Outro caso de variação seria “Nós vamos”, “Nós vai”, “A gente vai”, ou ainda “jaqueta” e “japona”.

Agora, sugerimos a leitura individual; depois, converse com seu professor para realizarem uma leitura dramatizada. Observe que, no causo, há a presença de variações linguísticas próprias da modalidade oral.

Professor, esclareça ao seu aluno que o causo anterior apresenta uma linguagem própria da oralidade, a qual foi preservada, a fim de manter características próprias do gênero.

Texto 2

NUM RANCHO ÀS MARGENS DO RIO PARDO

Era um matuto dos bons e vivia num rancho às margens do Rio Pardo, perto

de Cajuru. Seu Ico era o apelido dele. Acreditava em tudo que via e ouvia. E tinha opiniões muito firmes sobre coisas misteriosas. Adorava contar casos de assombração e outros bichos:

— Fui numa caçada de veado no primeiro dia da quaresma! Ai, ai, ai! Num pode caçá na quaresma, mas eu num sabia. Aí apareceu a assombração! Arma penada do otro mundo. E os cachorro disparô. Foro tudo pro corgo pra modi fugi da bicha... Veado que é bão nem nu pensamento, praque eis tamém pressintiru a penuria passanu ali pertu!

— Mas era assombração mesmo, seu Ico?

— Pois u que havera di sê? Esse mundo é surtido!

Pois no mundo sortido do seu Ico também tinha saci!

— Quando é que o senhor viu saci, seu Ico?

— Ara! Vi a famia toda, num foi um saci só... Tinha o saci, a sacia gravi (ele queria dizer grávida), e os sacizim em riba da mãe, tudo pulano numa perna...

— E o que eles fizeram ou disseram pro senhor?

— Nada... O saci cachaço inda ofereceu brasa pro meu paiero (tradução: o saci-pai acendeu o cigarro de palha dele). Gardicido!, eu disse... e entrei pa dentro modi num vê mais as tranquera...

E mula sem cabeça? Ah, seu Ico garante que existe:

— Essa eu nunca vi, mas ouvi o rinchado dela umas par de veis... E otro que eu tamém vi foi o tar de lobisome! Ê bicho fei! Mai num feis nada... desvirô num cachorro preto e sumiu presse mundão de meu Deus. Agora, em dia de pescaria, aparece muito é caboco-d'água. Um caboquim pretim e jeitado que mora dentro do rio... Ah, e tem que vê tamém o caopora. Grandão qui nem ele só, com um corpo peludo. Bichu fei! E o curupira! Vichi Maria, é fei dimais, tem pé virado pa trais...

— E com tudo isso o senhor ainda se arrisca a ir pro meio do mato, seu Ico?

— Pois vô sem medo! Qué sabê? - Dá uma gargalhada rouca e faz um ar maroto. - Qual! Tenho muito, mais muito mais medo é de gente vivo!

Fonte: Equipe Xico da Kafua (2007)

Caso prefira, atribua estas atividades como tarefa.

Compreendendo o texto

1. Quem é o contador nessa história? **Um narrador que também participa da história.**
2. Com quem o contador dialoga? **O caso apresenta um narrador personagem (conta a história e participa dela) que dialoga com Seu Ico.**
3. No texto anterior, algumas expressões podem soar estranhas, por corresponderem a expressões regionais. Quais palavras ou expressões você não conhece? **Resposta pessoal. Respostas possíveis: matuto, penúria, rinchado.**
4. O caso preserva expressões próprias da linguagem oral. Cite alguns exemplos. **“Ai, ai, ai”, “ah”, “mas eu num sabia”, “ara”, “umas par de veis”, “a ir pro meio do mato”.**
5. O contador faz menção a histórias pertencentes ao Folclore Brasileiro. Quais? **Saci Pererê, Caipora, Curupira, Mula-sem-cabeça, Negro d'água.**

Sugestão de site com algumas histórias do Folclore Brasileiro:
<https://www.todamateria.com.br/lendas-do-folclore/>

Para saber mais...

Para aprofundar os conhecimentos sobre o caso, sugere-se assistir aos vídeos listados a seguir, nos quais Rolando Boldrin conta dois casos.

A PROCISSÃO (ROLANDO BOLDRIN)

Link: https://youtu.be/QvkwDH_ewWo

Sugestões: Professor, comente com a turma sobre Rolando Boldrin.

A MARIQUINHA TEIMOSA (ROLANDO BOLDRIN)

Link: <https://youtu.be/9VOH9O07m0w>

ROLANDO BOLDRIN

Rolando Boldrin nasceu no dia 22 de outubro de 1936, em São Joaquim da Barra, São Paulo. Contador de casos, cantor, compositor, músico, ator, apresentador e pesquisador da cultura brasileira, considerado um dos maiores representantes do gênero caso no Brasil. Com 60 anos de carreira, Rolando Boldrin possui 174 obras, entre discos, composições, peças teatrais, atuou em filmes e novelas, programas de TV e emissoras de rádio.

Fonte: www.rolandoboldrin.com.br. Acesso em 13 jun. de 2022.

Se necessário, assista mais vezes aos vídeos, enfatize os gestos, as mudanças no tom de voz, a maneira utilizada pelos contadores para deixar o caso com teor de suspense, humor, sobrenatural, dependendo do tipo de caso, o vocabulário utilizado.

Sobre os vídeos:

A procissão: Nessa história, Rolando relata o caso de uma procissão que acontecia tranquilamente, até aparecer um ônibus descontrolado (jardineira), fazendo com que o padre que entoava a reza, ao ver o perigo que se aproxima, tente alertar os fiéis, gritando “jardineira”, ocasionando uma situação inusitada.

A mariquinha teimosa: Neste caso, Rolando conta a história de uma jovem de temperamento forte, chamada Mariquinha, que nem mesmo após a morte deixa de ser teimosa.

Fonte: Youtube (2022)

Professor, a seguir, propomos a realização de contação de casos. Sugerimos dispor a turma em círculo, orientá-los sobre a entonação, linguagem corporal, modo de falar e, então,

realizar a contação. Haverá alunos que não contarão nenhum caso, devido à timidez, porém, outros relatarão mais histórias. Ao concluir a contação, o professor pode realizar uma reflexão com a turma sobre o gênero, as características e a estrutura.

CONTAÇÃO DE CAUSOS

Na próxima aula, faremos uma atividade de contação de casos. Cada aluno deverá contar ao menos uma história. Então, converse com seus pais, avós ou vizinhos e peça para eles contarem histórias da infância, da comunidade, engraçadas, de suspense ou com elementos sobrenaturais.

3º MOMENTO: CONTOS E CAUSOS DO OURO VERDE (3 aulas)

Para começo de conversa

Salienta-se que fica a critério do professor utilizar estes questionamentos ou adaptá-los à realidade de sua turma.

Agora, seu professor irá comentar sobre um livro produzido por alunos de sua escola, no ano de 2004, intitulado *Contos e casos do Ouro Verde*.

1. Vocês recordam do livro produzido pela escola, que relata histórias da Comunidade?
2. Alguns de vocês possuem o livro em casa?
3. Quais têm familiares que participaram da produção do livro ou relataram alguma história?
4. Recordam-se de algumas histórias do livro? **Questões 1 a 4: Respostas pessoais.**

Sugere-se que os alunos respondam a essas atividades oralmente.

A seguir, você receberá cópias de duas produções presentes no livro *Contos e casos do Ouro Verde* (2004), para que faça a leitura. Perceba que as duas produções apresentam temáticas relacionadas à escola e formação da comunidade, além de apresentarem semelhanças com as histórias contadas no segundo momento. (*Tempo estimado para leitura: 30 minutos*).

Professor, comente com a turma que, devido à orientação dos professores responsáveis pela produção em 2004, as duas produções lidas, assim como outras presentes no livro, suscitaram a intertextualidade, por uma questão temática, o que foi, provavelmente, consequência da abordagem docente.

No texto produzido por Carolina Balin Cucchi, com base na história contada pelo avô, também no ano de 2004, há uma descrição da história da comunidade, dentre os quais figura a construção da primeira escola, feita na década de 1960, que tinha somente uma professora.

Texto 1

CONTOS DO MEU AVÔ

Sou natural de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, cheguei nesse lugar no ano de 1953, no Distrito de Nova Lourdes, moramos lá por uns 6 anos, depois mudamos para cá onde se deu o nome de Ouro Verde porque tinha muitos pinheiros e era a riqueza natural da época.

A madeira para fazer nossa casa foi arrastada com cavalo e foi construída com madeira lascada, como todas as casas construídas na época.

As estradas eram feitas com picaretas, arada de boi. Nosso único meio de transporte era cavalo e carro de boi.

A terra foi comprada com direito de posse, pois naquele tempo as terras não possuíam documentos, era comprado o direito de posse e as divisas eram separadas por picadas e rios.

Nossos principais produtos agrícolas eram o milho, arroz e feijão. Os animais eram bois, cavalos e porcos, eram criados soltos. No momento da venda, os animais eram tocados até Guarapuava.

O arroz e o feijão eram produzidos para o consumo. A carne era peixe, caça de animais selvagens, porco, galinha, ovos e outros. As roupas eram lavadas em cima de uma tábua no rio e o sabão era feito em casa. Para a limpeza da casa e do assoalho eram utilizados palha, xaxim e cinza.

As programações de missa eram de 6 em 6 meses, pois o padre morava longe e vinha a cavalo. Nossa comunidade não tinha igreja, então as celebrações, batizados e casamentos eram realizados nas casas. As escolas eram construídas pelos pais e os professores eram pagos por eles também. Os materiais eram lousa e giz, a merenda era levada de casa e a limpeza era feita pela professora e alunos.

Naquele tempo não existia posto de saúde, o hospital mais próximo era em Pato Branco. Em São João havia somente uma farmácia com poucos medicamentos, muitas pessoas que moravam longe até morriam por falta de transporte.

Entrevistado: H. B., 72 anos.

Aluna: Carolina Ballin

Fonte: Borsati e Cucchi (2004)

Professor, após a leitura, questione os alunos, incentive-os a fazer contribuições, dialogar com os pais e recordar histórias com temáticas afins.

Vejam agora o Texto 2, “História do Ouro Verde”, escrito por Daiani Augustin. Você perceberá alguns fatos em comum mencionados no texto anterior.

Texto 2

HISTÓRIA DO OURO VERDE

Em 1960, veio o Prefeito de Chopinzinho para escolher o lugar onde seria construída a primeira escola. As madeiras para a construção da escola eram puxadas da localidade de Marco Zero. Em seis meses a escola ficou pronta. A primeira professora foi Analice Pereira casada com Alduíno Lemes. Em média 40 alunos estudavam na escola.

Naquele tempo, a escola não tinha um nome como hoje. Ela era conhecida como Escola do Ouro Verde, só tinha uma professora para todas as séries e todos estudavam na mesma sala. Os alunos tinham intervalo, mas não tinham lanche fornecido pela escola, os alunos traziam de casa.

Naquela época, era difícil chegar até a escola, mas mesmo assim, os alunos vinham com muita alegria e disposição para aprender.

Entrevistada: J. K.

Aluna: Daiani Augustin

Fonte: Borsati e Cucchi (2004)

Na sequência, sugerimos questionamentos orais sobre as duas produções lidas. Indicamos ao professor que promova uma discussão com a turma sobre os elementos em comum nos textos, tais como: número de professores, alunos, turmas, formação dos professores, direção, limpeza, merenda, energia elétrica, meios de transporte, boa infraestrutura e recursos didáticos. A seguir, estão as questões:

Depois de ler e comentar os textos, incentive os alunos a apontarem aspectos semelhantes nas produções lidas, que correspondam à intertextualidade. **Professor, por tratarem de temáticas semelhantes, pode-se dizer que, aqui, são estabelecidas formas intertextuais implícitas e temáticas. No quarto momento, tratamos das relações intertextuais com mais ênfase.**

Questionamentos pós-leitura: Professor, faça oralmente as questões 1, 2 e 3.

1. Qual história lhe chamou mais a atenção? **Resposta pessoal.**
2. Quais assuntos são tratados nas histórias? **Espera-se que os alunos percebam que há histórias que envolvem o sobrenatural, formação da comunidade Ouro Verde, costumes e crenças.**

3. Percebeu elementos semelhantes entre os contos e causos que lemos em aulas anteriores? **Respostas possíveis: Espera-se que o aluno relacione a linguagem utilizada nos causos, recorde-se da narrativa “Uma lição inesperada” (lida no primeiro momento), os temas em comum com os textos lidos anteriormente, como a escola.**

4. Vamos montar um quadro comparativo entre alguns dos textos lidos, apontando semelhanças, diferenças e temas afins. Para a realização dessa atividade, você pode formar dupla com seu colega. Juntos, discutam e preencham a tabela a seguir, sobre os textos que tratam sobre a escola. **Para a resolução dessa atividade, o professor deve conhecer as histórias do livro, a fim de auxiliar o estudante. Pode combinar com a turma e fazer a resolução junto com eles ou dividi-los em grupos. Na atividade 4, recomendamos que o aluno escreva.**

Estudante, para a atividade 4, sugere-se a construção de uma tabela, nos moldes do quadro a seguir, para que preencha. Com isso, pretende-se facilitar a realização da atividade.

Sugestão de tabela para comparação dos textos a serem analisados:

Título do texto: **Sugestões para o Texto 1: Contos do meu avô. Texto 2: História do Ouro Verde.**

Tema/ Assunto: **1. O narrador descreve como era a vida dele, o modo de sustento, o acesso à saúde e à educação. 2. Construção da primeira escola.**

Tempo: **1. Passado, de 1953 em diante. 2. Passado, 1960.**

Expressões que denotam informalidade, variação linguística: **1. “Picadas”, “arada de boi”. 2. “Madeiras eram puxadas”.**

Algum fato curioso: **1. As celebrações religiosas aconteciam nas casas duas vezes ao ano; os pais construía as escolas e pagavam os professores; lavava-se a roupa na beira de rios; para limpeza da casa, utilizavam palha, xaxim e cinza. 2. A escola não tinha um nome como atualmente.**

Fatos mencionados sobre professores: **1. Eram pagos pelos pais, preparavam a merenda e limpavam a escola. 2. Havia apenas uma professora.**

Rotina escolar: **1. Alunos ajudavam na limpeza. 2. Merenda trazida de casa.**

Meios de transporte: **1. Cavalo e carro de boi. 2. Só menciona que era difícil para chegar à escola.**

Infraestrutura escolar: **1. Construía pelos pais. 2. Sem muitos recursos.**

Recursos didáticos: **1. Lousa e giz. 2. Não menciona.**

Turmas: **1. Multisseriadas. 2. Multisseriadas.**

Professor, comente os elementos apontados neste exercício e escreva as anotações necessárias no quadro.

Sobre a atividade 5: sugerimos a produção de uma ilustração que faça alusão aos textos lidos. Para isso, o aluno pode ter como base a tabela feita. Com essa atividade, pretendemos explorar a intertextualidade por meio da alusão, forma intertextual menos marcada, que remete ao texto-fonte por meio de pistas e sugestões (CAVALCANTE; FARIA; CARVALHO, 2017). Com isso, pretende-se mostrar aos alunos que a intertextualidade pode manifestar-se também em textos imagéticos.

Estudante, para concluir este momento da unidade, na sequência, apresentamos, na atividade 5, a produção de uma ilustração que represente alguns dos itens descritos na atividade anterior.

5. Com base na tabela elaborada, produza uma ilustração em que sejam representados elementos alusivos aos textos. **Professor, esclareça aos alunos que, aqui, propomos uma atividade que também expressa a intertextualidade, pois a ilustração será feita em alusão aos textos lidos.**

Estudante, é importante que você observe os elementos comuns nos textos, aspectos que remetem a outros textos, lembrando que isso se chama *intertextualidade*, definida como a relação entre textos, fator este que ocorre em muitos gêneros textuais e que abordamos ao longo desta unidade.

Chegamos ao *Quarto momento* dela. Nele, procuramos aprofundar as reflexões sobre os elementos intertextuais presentes em outros gêneros (foto, anúncios, ditados populares), conhecer e produzir enunciados em que a intertextualidade está presente.

4º MOMENTO: VAMOS EXPLORAR A INTERTEXTUALIDADE (3 aulas)

Caro estudante, neste momento, iremos analisar uma fotografia, na qual poderemos perceber elementos relacionados aos textos “Contos do meu avô” e “História do Ouro Verde”, lidos no 3º momento desta unidade.

A seguir, apresentamos a foto. Observe atentamente:

Foto 1 - Escola Estadual do Campo Dom Pedro I – EF e Escola Municipal São Pedro -EIEF (2022)



Fonte: Acervo da autora (2022)

Após a leitura da imagem, sugerimos as atividades de pós-leitura. O intuito é comparar e identificar elementos intertextuais de semelhanças e diferenças entre os três textos, sobre como era a escola antigamente e como está na atualidade. Professor, promova uma conversa com a turma para partilhar as respostas obtidas.

Questionamentos pós-leitura:

1. Qual é o elemento presente na fotografia e nos textos? **O elemento presente nos textos e na imagem é a escola.**

2. A imagem e os textos tratam sobre a escola em períodos diferentes. Com base nisso, responda às questões a seguir:

a. A foto parece pertencer a que época? Como você concluiu isso? **Trata-se de uma foto atual, fato que o aluno poderá observar pela fonte e, também, por conhecer a escola.**

b. Quais são os elementos comuns presentes na Foto 1 e no texto “História do Ouro Verde”? **Espera-se que o aluno observe que a primeira escola foi construída em madeira, o nome era outro, havia apenas uma professora que ministrava aula para todos os alunos, traziam o lanche, pois não havia na escola.**

c. Ao ler os textos, é possível comparar a escola de antigamente com a de hoje. Quais são as maiores mudanças, em sua opinião? **Espera-se que o aluno perceba as melhorias com relação à infraestrutura (antes madeira, agora alvenaria), a ampliação do prédio**

escolar, revitalização da fachada, mudança relacionada às disciplinas, ao número de professores, ao transporte, recursos tecnológicos disponíveis.

Caro professor, antes de darmos prosseguimento ao *Quarto momento*, gostaríamos de que considerasse os esclarecimentos, direcionados a você, em que contemplamos os principais gêneros e fenômenos intertextuais tratados durante a unidade, com o propósito de auxiliá-lo. Primeiramente, observa-se que o trabalho didático aqui proposto segue Koch (2003) e Cavalcante, Faria e Carvalho (2017).

1. O que é intertextualidade?

Tanto a produção (trata-se do trabalho do produtor do texto, falante ou escritor) quanto a recepção (do ponto de vista do leitor) de um texto dependem do conhecimento que se tenha de outros textos com os quais ele (o texto), de alguma forma, se relaciona. Essa forma de relacionamento entre textos pode ser, como se verá, bastante variada (KOCH, 2003). Ou seja, todo texto vai exigir, ou daquele que escreve ou daquele que lê, certo conhecimento que decorre de outros textos.

2. Intertextualidade pode ser observada em sentido amplo ou restrito.

O produtor do texto aciona conhecimento sobre outros textos de diversas formas. Para esta Unidade Didática, vamos considerar somente conceitos e categorias que possam ser aplicadas para uma turma de 7º ano.

2.1 Em sentido amplo, considera-se que todo o texto pode abrigar outros textos. Trata-se de uma presença menos perceptível, mas que pode ser verificada pela estrutura (narrativa, descritiva, dissertativa), pelo gênero (perfil social de circulação – carta, receita de bolo, conto, causo, petição) e mesmo pelo estilo de um autor (Stanislaw Ponte Preta prefere contos de mistério; os Titãs preferem rock e pop; Luís Fernando Veríssimo possui seu misto de humor e crítica) ou uma temática particular presente em diversos textos (pandemia, preservação do planeta, educação inclusiva etc.). Como essas questões aqui elencadas dependem de um processo contínuo de leitura, pode não ser tão simples perceber que um texto em particular esteja acionando, por exemplo, o estilo do Stanislaw Ponte Preta, caso determinado leitor não acompanhe o estilo desse autor em particular.

2.2 Em sentido restrito, é possível verificar a relação de um texto com outros textos previamente existentes, e, de certa forma, isso fica perceptível no processo de escritura do autor, embora não seja tão perceptível assim pelo leitor. Por isso, a estrutura composicional (narrativa ou dissertativa), para além do lexema, pode auxiliar no reconhecimento da intertextualidade que fica aparentemente particularizada.

3 Outra questão importante seria entender que a intertextualidade pode ser explícita ou implícita.

3.1 Será explícita, desde que o autor indique de maneira expressa que está trazendo um texto-fonte para o seu texto. Isso pode ocorrer por citação direta, por uma paráfrase anunciada, por discurso direto e indireto, por recuo da citação, por uma nota de rodapé, entre outras formas de anunciar que outro texto está presente na produção de um texto.

3.2 Quando não há pistas claras, a intertextualidade pode ser implícita, o que exigirá do leitor maior empenho em sua leitura.

4. Formalmente, apenas a intertextualidade estrita pode ser considerada.

Tipos de intertextualidade restrita

4.1 Pela inserção efetiva de partes de um texto em outro (por citação literal; por parafraseamento de conteúdo; por alusão – uma menção indireta, mas que se apresenta como uma pista).

Copresença:

a) citação: Pode ser percebida por verbo que introduz discurso direto e indireto, por dois pontos, aspas, itálico, recuo de margem, fonte reduzida, e trechos sempre literais;

b) parafraseamento: Reformulação de partes de um texto-fonte, que aparecem sob outra forma, em outro texto. Trata-se de reescrita que remete a enunciados anteriores, modificando-os parcial ou totalmente.

c) alusão estrita: Referência indireta, que se incorpora sutilmente. A alusão estrita favorece modificações formais no texto a que recorre, transformando-o para finalidades diversas.

4.2 Pela inserção de partes de um texto em outro, por meio da modificação de algum aspecto (forma, estilo ou conteúdo), mas sem que se percam elementos essenciais (semânticos) do texto-fonte. Consideramos, por exemplo, paródias: transformações que operam desvios de forma e/ou conteúdo, bem como dos propósitos de um texto-fonte, sempre com finalidade humorística, podendo ou não apresentar outras finalidades, como a crítico-apreciativa.

Na próxima seção, apresentamos o *détournement*, uma das formas da intertextualidade. Não achamos pertinente apresentar esta nomenclatura ao aluno, por isso, o título da seção é apenas “Explorando a intertextualidade”.

EXPLORANDO A INTERTEXTUALIDADE

Estudante, como você pôde perceber, os textos e a imagem estudados até agora apresentam elementos que os relacionam. A relação presente entre diferentes textos é chamada de **intertextualidade**.

Na sequência, traremos mais exemplos de intertextualidade, primeiramente, com algumas versões de ditados populares. Veja os exemplos:

“Quem ri por último é desatento”.

“Quem não deve, não deve”.

“Quem dá aos pobres, adeus”.

Professor, espera-se que o aluno perceba o tom irônico presente nos intertextos ao lado. Você pode complementar, estimulando a turma a expor o que compreendeu.

Agora, veja os ditados populares que deram origem a esses intertextos:

“Quem ri por último, ri melhor”.

“Quem não deve, não teme”.

“Quem dá aos pobres, empresta a Deus”.

Professor, comente com seus alunos sobre o significado de tais ditados populares.

Sugestões:

“Quem ri por último, ri melhor”: saber esperar o momento certo para agir, ser paciente.

“Quem não deve, não teme”: se estou certo quanto a algo, agi de forma honesta, não tenho com o que me preocupar.

A **intertextualidade** pode estar presente em textos, poemas, músicas e imagens, como ferramenta para renovar o texto, podendo acrescentar um tom irônico ou crítico de maneira criativa. Também é um recurso utilizado para campanhas publicitárias.

A seguir, está uma atividade sobre essa categoria de intertextualidade:

1. Elabore intertextos com base nas expressões a seguir, como no exemplo:

Exemplo: Quem não deve, não teme: Quem não deve, não deve.

- a. “Quem com ferro fere, com ferro será ferido”: **Sugestões: “Quem com ferro fere sairá ferrado”.**
- b. “Quem vê cara não vê coração”: **“Quem vê é porque não é cego”.**
- c. “Os últimos serão os primeiros”: **“Os últimos perderão a vaga”.**
- d. “Mais vale um pássaro na mão do que dois voando”: **“Mais vale uma abelha voando do que na minha mão”.**

Professor, o aluno tem liberdade para criar o intertexto; aqui, são apenas sugestões. Também é importante explicar que, nesses casos, a intertextualidade pode ocorrer devido à troca de fonemas, inversões, substituições ou supressões.

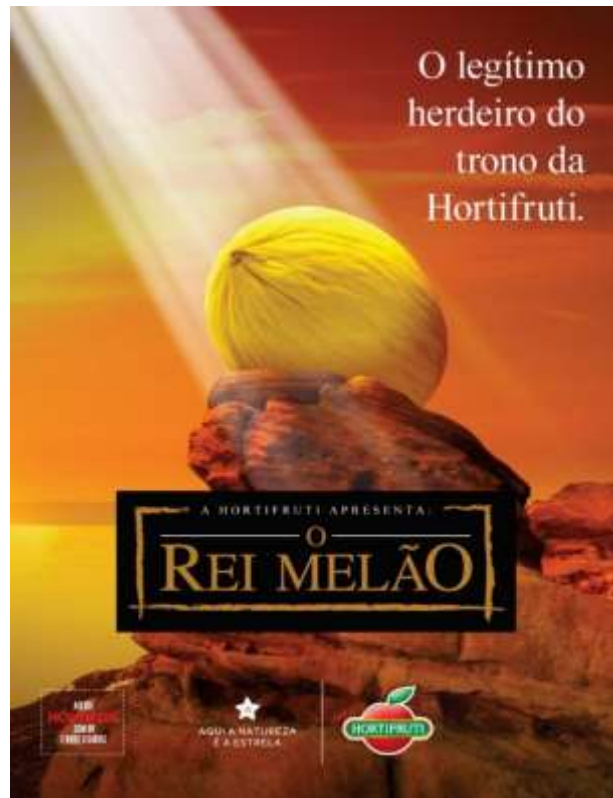
Na próxima seção, vamos explorar paródias produzidas em forma de anúncios publicitários da empresa Hortifruti, fazendo alusão a títulos de filmes.

EXPLORANDO A INTERTEXTUALIDADE: PARÓDIA

Estudante, você sabia que a paródia também é um exemplo de intertextualidade? Vamos recordar o que é paródia?

Paródia é a transformação de um texto verbal ou visual, que, em geral, possui finalidade humorística ou crítica (CAVALCANTE; FARIA; CARVALHO, 2017).

A seguir, você verá dois anúncios publicitários realizados pela empresa Hortifruti, em uma campanha chamada Hortiflix, que consistem em paródias produzidas a partir de dois clássicos do cinema.



Fonte: Hortifruti: Campanhas Hortiflix (entre 2016 e 2022)



Fonte: Hortifruti: Campanhas Hortiflix (entre 2016 e 2022)

Ao observar as imagens anteriores, percebemos uma relação (intertextualidade) entre os anúncios que nos fazem recordar de dois filmes famosos: *O Rei Leão* (1994) e *A Era do Gelo 4* (2012). Essa campanha, primeiramente chamada de Hollywood, realizada pela Hortifruti, teve grande destaque e durou mais de uma década, sendo responsável por ampliar o reconhecimento e fama da empresa Hortifruti. Nos últimos anos, a empresa adaptou a campanha baseada no design da Netflix, plataforma de *streaming*, e passou a chamá-la de Hortiflix. Esses são apenas dois exemplos que mostram a presença da intertextualidade.

A seguir está a seção “Para saber mais”, na qual apresentamos mais informações sobre os filmes, colaborando, assim, com o trabalho do professor.

Para saber mais...

***A Era do Gelo* constitui uma série de filmes de animação, criada em 2002, pela empresa norte-americana *Blue Sky Studios*. O enredo narra as aventuras vivenciadas por animais que viviam no período glacial. O anúncio utilizado tem como referência a quarta animação, produzida em 2012.**

***O Rei Leão* é um clássico de 1994, produzido pela Walt Disney Pictures, no qual o filhote de leão, Simba, herdeiro do trono, é vítima das armações de Scar, seu tio invejoso. A produção retrata a vida de Simba desde o nascimento até a vida adulta, quando, finalmente, retorna para casa e assume o trono.**

Links para mais informações: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-181059/>
<https://www.culturagenial.com/filme-o-rei-leao/>

Estudante, realize as atividades a seguir. Na atividade 2, você fará uma pesquisa na internet e, na atividade 3, dará continuidade a uma paródia.

2. Pesquise na internet outros exemplos de paródias elaboradas com base nas campanhas Hortiflix e Hollywood. Selecione no mínimo quatro exemplos e anote-os no caderno, juntamente com o texto original. **Sugestões:** “Milhons”, criado a partir de *Minnions*; “Mulher Marerivilha”, criado a partir de *Mulher Maravilha*; “O mágico de Noz”, criado a partir de *O mágico de Oz*; “Chuchurek”, criado a partir de *Shrek* e “Batatas do Caribe”, criado a partir de *Piratas do Caribe*. Sugerimos que o estudante anote em seu caderno o *slogan* dos anúncios e identifique o texto que deu origem a eles.

3. Apresentamos o início de uma paródia produzida a partir do texto “Contos do meu avô”, lido anteriormente. Leia com atenção e acrescente um final para a paródia.

Contos de minha avó

Vim do Rio Grande do Sul, cheguei aqui por volta de 1950, onde mais tarde passou a se chamar Ouro Verde, pois havia muitos pinheiros naquela época.

Tudo era muito precário, para locomoção só havia carro de boi e cavalos; a terra não tinha documentos e as roupas eram lavadas na beira do rio. Para construir nossa casa, utilizamos madeira lascada, transportada pelos animais.

Naquele tempo... **Professor, auxilie o aluno para a continuação do texto; dê sugestões e exemplos, caso ele tenha dificuldade. Você pode sugerir que ele dê seguimento à paródia, pensando na história das avós dele.**

Na sequência, apresentamos outra forma de intertextualidade, a paráfrase. Como exemplo, selecionamos um trecho do texto “Contos do meu avô”, produzido por Cucchi (2004).

Professor, se necessário, mostre outros exemplos de paráfrase ou construa uma junto com a turma.

EXPLORANDO A INTERTEXTUALIDADE: PARÁFRASE

A paráfrase corresponde à reformulação de um texto, no qual as ideias principais são mantidas, porém, escritas com outras palavras. Esse recurso também representa uma forma de intertextualidade. A seguir, apresentamos um trecho de um texto lido anteriormente e, na sequência, uma paráfrase desse trecho.

Texto-fonte:

“[...] cheguei nesse lugar no ano de 1953, no Distrito de Nova Lourdes, moramos lá por uns 6 anos, depois mudamos para cá onde se deu o nome de Ouro Verde porque tinha muitos pinheiros e era a riqueza natural da época”.

Texto produzido por Carolina Ballin Cucchi

Paráfrase produzida:

O ano era 1953, o avô da autora que, primeiramente, residiu na comunidade de Nova Lourdes, por aproximadamente seis anos, mudou-se para um novo local, abundante em araucárias, daí o nome Ouro Verde.

Texto produzido por Géssica C. Diana

Atividade final

4. A seguir, apresentamos três fragmentos de textos abordados durante esta unidade. Produza uma paráfrase para cada trecho.

a. Trecho I

Naquele tempo, a escola não tinha um nome como hoje. Ela era conhecida como Escola do Ouro Verde, só tinha uma professora para todas as séries e todos estudavam na mesma sala. Os alunos tinham intervalo, mas não tinham lanche fornecido pela escola, os alunos traziam de casa.

Texto produzido por Daiani Augustin (2004).

Sugestão de resposta: trecho I

Eram outros tempos, a instituição era conhecida com o nome da localidade, Escola do Ouro Verde. Havia somente uma professora que ministrava aula para todas as turmas e cada aluno tinha que trazer seu lanche.

b. Trecho II

As programações de missa eram de 6 em 6 meses, pois o padre morava longe e vinha a cavalo. Nossa comunidade não tinha igreja, então as celebrações, batizados e casamentos eram realizados nas casas. As escolas eram construídas pelos pais e os professores eram pagos por eles também. Os materiais eram lousa e giz, a merenda era levada de casa e a limpeza era feita pela professora e alunos.

Texto produzido por Carolina Ballin (2004).

Sugestão de resposta: trecho II

Naquele período, as celebrações religiosas aconteciam duas vezes ao ano, pois o pároco residia distante do local e o meio de transporte utilizado era o cavalo. Além disso, as celebrações aconteciam nas residências dos moradores. Quanto às escolas, as famílias eram responsáveis por construir e mantê-las. Enquanto a limpeza era realizada pela docente e pelos estudantes.

c. Trecho III

Era um matuto dos bons e vivia num rancho às margens do Rio Pardo, perto de Cajuru. Seu Ico era o apelido dele. Acreditava em tudo que via e ouvia. E tinha opiniões muito firmes sobre coisas misteriosas. Adorava contar casos de assombração e outros bichos [...].

Texto produzido por EQUIPE Xico da Kafua (2007).

Sugestão de resposta: trecho III

Era um bom sujeito, vivia em um rancho próximo à cidade de Cajuru, localizado à beira do Rio Pardo. Era conhecido como Seu Ico. Não tinha maldade, homem de muitas crenças e costumes, crente de seus valores e adepto a casos misteriosos e sombrios.

Caro estudante, finalizamos nossa unidade e esperamos que as atividades e as leituras propostas tenham contribuído para sua compreensão sobre causa, conto e intertextualidade.

Estimado professor, os encaminhamentos aqui propostos são sugestões para você. Fique à vontade para realizar as adaptações que considerar pertinente. Esperamos que nosso trabalho contribua com sua prática docente, que as atividades propostas sejam significativas e colaborem para a aprendizagem dos estudantes.

Para tornar o processo de aprendizagem mais dinâmico, optamos por atividades diversificadas, com textos em prosa e imagéticos, atividades em duplas, vídeos, abordagem da escrita, leitura, oralidade e produção de ilustração. Também acrescentamos à unidade as seções “Para saber mais”, nas quais apresentamos informações e sugestões complementares, com links e explicações que colaborem com seu trabalho.